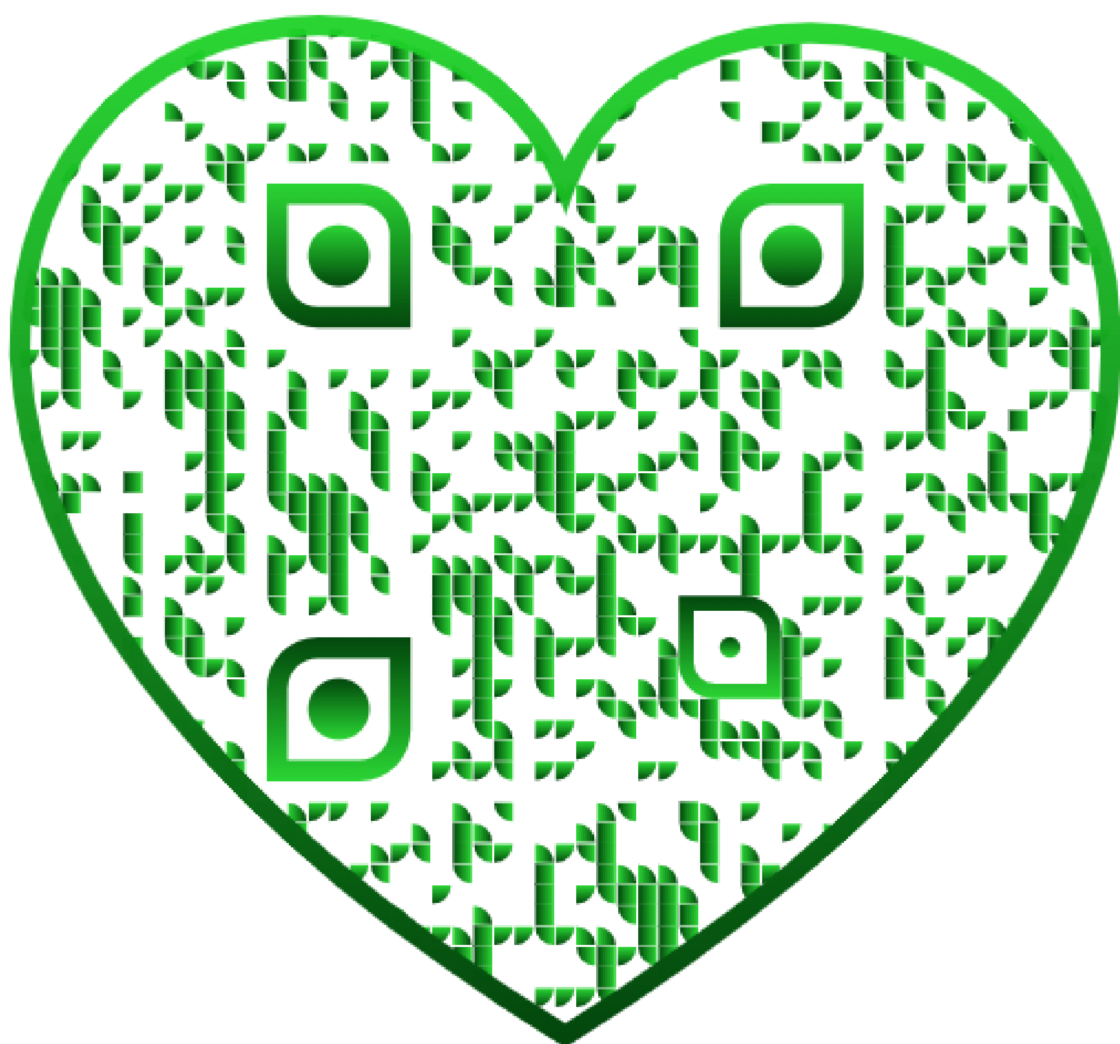
JOICE BITTENCOURT

BENTO

Um conto Malamam





Bento
Um conto **M**alamam

Copyright © 2016 Joice Bittencourt.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução e distribuição, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Título:

Bento – Um conto Malamam

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Capa:

Evy Maciel

Edição Independente

Julho de 2016

Dedicatória

Este conto é dedicado às minhas leitoras, por desejarem com tanto afinco o momento especial aqui eternizado. Ao meu marido, Luciano, por estar sempre presente, me estimular e incentivar sem julgamento cada linha que escrevo. E às minhas amigas autoras, pois unidas somos melhores.

Obrigada!

Agradecimento

Sem amigos eu não seria ninguém. Evy, obrigada por me socorrer sempre. Luciana, obrigada por ser uma leitora e amiga tão presente. Seu pedido foi carinhosamente atendido.

Vocês são demais!

Um

Quarenta anos com carinha de trinta e dois. Mentira! Dizem que pareço ter muito menos do que isso, mas não vou me gabar.

Deixo o jaleco sobre a cadeira, organizo rapidamente toda a minha mesa e parto para casa. Apressado, busco as melhores rotas para encurtar o trajeto entre eu e minha família. Não sei em que momento, mas aconteceu. Hoje Safira e Antony são as pessoas mais importantes da minha vida. O moleque, agora com quase dez anos, tenta bater as asas e ultrapassar os limites impostos pela mãe, mas ali o jogo é duro e Safira marca pesado com ele. Se Tony não tivesse um pai tão legal, já teria fugido de casa com certeza... Eu fugiria se fosse ele.

— Fusca! Só você veio me receber. Cadê o povo dessa casa?

Deixo minhas coisas em um canto e caminho chamando por Tony e Safira, mas não tenho resposta, apenas o barulho da televisão altíssima vindo da sala de tv. Mesmo velhinho Fusca está aguentando firme e forte, desde que Tony ainda era um bebê ele está conosco. Os dois dormem na mesma cama... Sempre me pergunto quem é o cachorro da história.

Passo pela sala e desarrumo a cabeleira do pestinha que joga concentrado e mal me olha. Depois de uma certa idade eles descobrem o "Ei, pai", e é aí que começamos a nos sentir velhos.

— Sá, cheguei! — Digo ao notar a luz do banheiro acesa. — Tony está vidrado naquele jogo que Lorenzo trouxe de Nova York. Está com fome? Pensei em pedir uma pizza, o que você acha?

— Estou sem fome, Bento. Faz como quiser. — Diz mal humorada.

Esqueci alguma data importante? Espero que não.

— Aconteceu alguma coisa? Passei na sua sala para virmos juntos e me disseram que você não voltou depois do almoço.

— Não aconteceu nada. — Responde rapidamente.

Empurro a porta do banheiro para espiá-la. Safira está sentada sobre a tampa da privada, a cabeça tombada para trás e os braços cruzados junto à testa como se estivesse chorando. A cena muito me surpreende, por alguns segundos imagino que esteja passando mal, mas noto seu aborrecimento. Talvez uma tpm super potente. Não seria surpresa vindo dela. Safira é a mulher mais complicada que existe e eu amo todas as suas complicações.

— O que aconteceu, minha malvadinha? Vem aqui, vem! Deixa eu melhorar o seu humor.

Ainda com o rosto aborrecido ela fica de pé. Linda. Alguns fios do seu cabelo se desprendem emoldurando o rosto perfeito. Um dia inteiro sem morder a boca da minha mulher é como passar fome e de repente se deparar com um banquete, suculento e farto. Nos beijamos carinhosamente, mas não aceito apenas isso, exijo mais. Tomo tudo que desejo, obrigo-a a abrir os lábios, sugo sua língua e faço com que sinta tanto desejo quanto eu estou sentindo agora.

Pressiono seu corpo contra a parede sem deixar de beijá-la, arranco sua camisa e ouço os botões caírem ao chão. Safira sabe aonde isso vai nos levar e quer tanto quanto eu. Percebo todas as mudanças em seu corpo com facilidade, avanço em seus pontos fracos moldando seu desejo ao meu prazer. Nosso prazer. Estamos nus e excitados, fogo puro mesmo depois de tantos anos juntos. O tempo apenas nos tornou amantes mais hábeis.

Quem disse que só se come arroz com feijão depois do casamento? Aqui em casa os temperos são variados, intensos e surpreendentes.

Minha mulher está tão linda, nua na minha frente sem pudor algum, entregue ao prazer que sabe estar por vir. Fico de joelhos e imediatamente ela segura a própria perna, dando-me total visão da sua boceta vermelha e depilada, completamente exposta para a minha boca. Sinto a saliva brotar em antecipação. *Amo essa mulher!* Uma chupada gostosa lambendo todos os cantos,

estimulando todos os nervos é o suficiente para arrancar o primeiro suspiro de prazer. Minha língua trabalha nervosa e voraz. Não sou menino, sei exatamente o quanto serei premiado depois de satisfazer seu apetite. E ela já está faminta como uma gata no cio, pedindo por sexo.

Garimpo sua entrada com delicadeza, espalho a umidade até que esteja escorregadia. Meus dedos entram com facilidade, abrem caminho para o grande show. Safira está enlouquecida, perdida entre gemidos e lamúrias. Prende minha cabeça junto a vagina latente, segura o meu cabelo como se tivesse medo de ser impedida de chegar ao clímax, mas ela sabe que eu não faria isso. Sugo seu clitóris sem pressa enquanto movo os dedos freneticamente e sinto-a se lubrificar ainda mais.

— Ah, Bento!!! — *Geme vai* . — Não faça isso comigo.

— Não farei.

De pé espalho seu mel em meu pênis, faço movimentos lentos mostrando a ela como estou duro e louco para foder até não aguentarmos mais. Esquecendo todas as regras de etiqueta debruço minha esposa sobre a pia deixando sua bunda empinada para mim e separo as nádegas cheias até que seu ânus seja exposto. *Minha próxima vítima* .

— Vai, Bento! Você já me deixou louca, agora pare de tortura.

— Mantenha essa bunda linda bem aberta. Quero olhar para seu cu enquanto meto nessa boceta.

Através do espelho assisti seus seios fartos sacodirem enquanto eu investia duro em sua carne forçando seu corpo a me receber. Os gemidos cada vez mais altos e doloridos, o ápice do prazer se aproximando veloz, tanto que mal podíamos nos conter.

— Bento! — A súplica pouco antecedeu o orgasmo. Safira gozou forte chamando por mim enquanto sua vagina se contraía, deliciosamente mostrando-me o caminho do paraíso. E eu segui.

Acordei no meio da madrugada, solitário em nossa cama king, luzes apagadas. Eu tinha certeza que algo estava errado, mas conhecendo minha esposa como conheço, achei melhor dar o espaço que ela estava procurando. Logo que se sentisse confortável ela me procuraria. Safira tinha o péssimo hábito de trazer os problemas do hospital para casa e virar algumas noites tentando resolvê-los. Hoje era diferente, algo estava diferente.

Como diria meu pai: Galinha de casa não se corre atrás. Ela vem quando precisar.

∞

Viemos juntos para o trabalho depois de deixar Tony na escola. Durante todo o caminho vi lascas de unhas voarem discretamente de sua boca, farpas de nervosismo. Minha mulher estava nitidamente escondendo alguma coisa e isso tirando o meu sono. Já estava a ponto de enlouquecer, mas de maluca já basta ela. Minha esperança é saber que hoje temos a tradicional confraternização de fim de ano do Malamam Apart Hospital e pode estar aí o motivo do seu estresse. Safira não gosta de falar em público e isso será inevitável em um evento como este, já que ela estava à frente da organização.

— Ficará o dia todo no hospital? — Pergunto fingindo não lembrar do combinado apenas para quebrar o silêncio.

Acho que gosto de irritá-la. Sim, eu gosto!

— Bento, já disse a você que trabalharei apenas pela manhã. Tenho salão hoje à tarde. Dora chegou hoje cedo e vamos todas juntas.

— As duas metades juntas novamente mais a caçula rebelde? Cuidado para não ficar boazinha, gêmea do mal!

— Muito engraçadinho. — Rimos juntos.

Dois

Toda a família está reunida na grande festa de final de ano do MAH em uma conhecida casa de eventos da cidade. Estamos comemorando meio século desde que meu pai abriu sua primeira clínica. Esta ficava em uma casa alugada e com poucos recursos. Atualmente somos o maior complexo hospitalar do país, um dos mais renomados da América Latina e com certeza o mais bem equipado de São Paulo. Recentemente Dora a Lorenzo instalaram filiais em mais cinco capitais.

Meio século de história contados em trinta minutos de vídeo. Essa foi a carinhosa homenagem que eu e meus irmãos preparamos para nossos pais, e fomos agraciados com lágrimas de emoção profunda vindas de dona Magda e do senhor Benício. O discurso de agradecimento tocou a todos os presentes, principalmente a nós, filhos, que vivenciamos desde sempre a história, as lutas, derrotas e vitórias.

Acho que esse vídeo me deixou meio frutinha.

— Está tudo bem? — Pergunto à Safira. A ruga de preocupação não desapareceu com a beleza da festa.

A tarde foi movimentada para nós dois e com todos os preparativos, chegada de sua irmã, só nos encontramos aqui. Percebi no exato momento que a vi: Ela está assustada.

— Precisamos conversar. — Disse sorrindo para alguém que a cumprimentou de longe. Seus olhos fogem de mim. Eu a conheço bem demais para ignorar os sinais.

— O que está acontecendo? — Fui enfático — Estou falando sério.

— Conversaremos em casa, Bento. Em casa...

Odeio ser enrolado .

— Então vamos para casa agora mesmo.

Qualquer um a nossa volta diria que estamos apenas dançando, mas não. Safira é ótima em esconder sentimentos e eu não estava disposto a esperar. O comportamento na noite anterior, a insônia da madrugada e o olhar que recebi ao nos reencontrarmos foram o suficiente para me convencer de que algo sério está acontecendo e não estou disposto a esperar.

— Bento...

— Sá, eu não vou esperar. Ou você vai me dizer aqui ou vamos para casa agora e conversamos lá.

— Eu tô grávida.

Deus, foi isso mesmo que eu acabei de ouvir? Senhor, brincadeira tem limite e se for pegadinha ela vai engravidar agora. Nem que seja amarrada à nossa cama .

— Safira, pelo amor de Deus, não brinca assim que eu te engravido aqui agora. — A resposta veio em um simples olhar. Esse era o motivo de todo o estresse e insônia. Ela está grávida! Minha mulher está grávida e eu serei pai novamente.

Caralho!

Tomo-a em meus braços, protejo o bem mais valioso que já tive. Estamos no centro de uma multidão vestida de vermelho e gorros festejando mais um ano de vitórias e alegrias, mas nós comemoramos a vitória de uma vida, a superação e o amor. Beijo-a com devoção, esquecemos todos à nossa volta e simplesmente apreciamos o momento.

— O que você está fazendo? — Ela me questiona quando a arrasto em direção ao palco.

— Eu vou ser pai pela segunda vez. Faz ideia da minha euforia? Mais um Malamam no mundo. Isso precisa ser dividido e comemorado em grande estilo.

Seguimos apressados para o palco. Leônidas lança um olhar questionador, mas feliz ao notar o tamanho do sorriso estampado em meu rosto e as bochechas rosadas de Safira, que me segue ainda sem muita certeza se realmente deseja se expor dessa forma. Ao meu comando a música é interrompida e somos o centro da atenção de centenas de pessoas. Seguro as mãos tremulas da minha esposa e sorrio com sua insegurança boba.

— Boa noite a todos! O natal ainda não chegou, mas o meu presente está aqui.

Meus irmãos e meus pais olham sem entender. Minhas cunhadas parecem tão surpresas quando seus maridos e isso inflama meu ego. Elas não sabem. Dessa vez eu fui o primeiro. Por um segundo a lembrança de Silvia interrompendo a mesma festa me faz perder o sorriso, mas isso é passado.

— Acho que vou fazer um suspense. Vocês estão com caras ótimas.

— Porra, Bento, fala de uma vez! — Leônidas grita. Meu irmão nunca foi bom em esperar.

O sorriso de pura felicidade é incansável, tem vontade própria e minhas bochechas doem. Beijo as mãos de Safira e tento conter a euforia da notícia, mas é impossível.

— Filho, vamos! Estamos todos ansiosos para saber o motivo que o fez interromper a nossa festa.

— Vou contar, mãe. — Abraço Safira pela cintura e começo. — Há alguns anos atrás eu tive o prazer de trazer minha sobrinha ao mundo e vi uma felicidade tão louca nos olhos de Leônidas que invejei aquele momento, sonhei em me sentir daquela forma. Essa não foi a única vez, até porque meus irmãos estão tentando repovoar o mundo só com Malamans. Leônidas e Lorenzo não

param de me dar trabalho. Já podemos montar um time: Malamam Futebol Clube

— Você adora! — Alguém gritou.

— Adoro mesmo. Só tem uma coisa que me faria mais feliz do que trazer um sobrinho ao mundo. — Aperto Safira em meus braços. — Trazer o meu próprio filho.

Falar se tornou uma missão impossível. Assim que as pessoas entenderam a mensagem, começaram a gritar e comemorar dando as felicitações. Mesmo se eu quisesse continuar o discurso, não conseguiria, já que a emoção vencia o desejo de compartilhar a notícia.

— É isso mesmo, pessoal. Minha malvadinha acabou de me dar o melhor presente de natal que eu poderia ganhar na vida. Estamos grávidos!!!

Agora somos quatro.

Três

O amor que sinto por Tony desde a primeira vez que coloquei os olhos sobre ele é indiscutível, mas hoje me sinto diferente, é o sonho de uma vida ganhando forma. Tenho vontade de espalhar cartazes pela cidade e contar para cada habitante que a minha mulher está grávida e serei eu o primeiro a dar as boas-vindas ao nosso bebê. É tão troglodita.

∞

Observo o corpo exausto e suado de Safira descansando entre os lençóis brancos da nossa cama. Os cabelos negros formam uma cascata digna de ser fotografada, guardada para a eternidade e mais. Não vejo o menor indício de gravidez, mas sei que meu filho cresce no ventre plano a minha frente, ganha força e vida. É impossível não imaginá-la redonda e cheia pela criança que eu coloquei dentro dela e mais ninguém. Tão minha... Completamente minha.

Não tenho noção das horas, elas passam rapidamente por mim e tudo que consigo fazer é agradecer a oportunidade de começar do zero, assistir cada segundo, viver o que me foi tirado e fazer diferente.

A semana passou apressada, dezembro é um mês corrido e cheio de acontecimentos. Iniciei o pré-natal de Safira e se ela não me deixar nestes oito meses nosso casamento será eterno.

— Tudo bem por aí, Sá? — Pergunto do lado de fora do banheiro. O dia começa a clarear lá fora.

— Não!

— Abra a porta então, quero ver como está.

— Vai a merda, Bento! Estou vomitando, ok?

Amor matinal.

— Por isso mesmo.

Quando a porta finalmente se abre me deparo com a Safira destruída, está com olheiras profundas, cabelos revoltos e parece doente. Sua pele está esverdeada e os olhos gritam desidratação. Assustador. Corro para acudi-la, mas sou rejeitado por seus braços sem força, no entanto, a conheço bem para saber que sua atitude é pirraça e carência.

— Ei, não faz assim. Isso vai passar, nós sabemos que logo passará. — Digo com humor tentando sorrir e amenizar as coisas.

— Por que está sorrindo, Bento? Estou vomitando há horas, não consigo dormir e sinto brasa em meu estômago. Os remédios que receitou não fazem efeito algum. Que merda!

— Tem alguma coisa que você queira comer?

— Abacate com açúcar.

Mal pude segurar a gargalhada ao me deparar com aqueles olhos escuros e enormes brilhando com o simples nome da fruta. Magicamente seu semblante se abrandou, o sorriso tímido apareceu e junto com ele uma ponta de esperança.

Só há um probleminha.

— Seria uma ótima opção, Sá, mas estamos em dezembro.

— O que é que tem?

— Não há abacates em dezembro. A época deles é a partir de meados de janeiro, ainda falta um pouco. Poderia ser manga, pêssego ou goiaba?

— Não, Bento, não poderia! Quero abacate. — Disse aborrecida.

— Para que facilitar as coisas, não é mesmo? Vamos foder o Bento, ele merece.

— Já foi?

Oh carne de pescoço.

— Sá, são 5:00h da manhã. Isso é para agora mesmo?

Sem responder a minha pergunta, Safira sai pisando duro e volta para a cama. É claro que eu vou sair para comprar a maldita fruta, mas estava testando a sua vontade. Para a minha surpresa percebo seus olhos marejados e está realmente magoada com a minha brincadeira.

— Ei, amor, desculpe. Não quis te magoar de forma alguma. Vou comprar o seu abacate agora.

— Você não entende. — *Claro que não* .

— Então me explica, porque eu estou ficando assustado. É mais fácil cuidar de gestantes no consultório. Ter uma em casa é viver perigosamente.

Recebo um olhar matador.

— Não estou me reconhecendo, ok? Deus, eu só consigo chorar. Meu trabalho está todo acumulado na minha sala porque não tiro a cabeça da privada e mal sou capaz de comer uma refeição completa. E você... Ah que droga, Bento!

— O que eu fiz?

— O que você não faz. — Grita frustrada.

Eu? O que eu não faço, meu Deus? Puta merda que mulher louca eu arrumei!

— Safira...

— Qual foi a última vez que você olhou para mim como sua mulher, Bento?

— Estou te olhando agora, porra.

— Está olhando para mim como a mãe dos seus filhos, Bento.

— É isso que você é, amor. Safira, eu sei que você está sensível e tomada pelos sintomas da gravidez, mas também sei que logo passará e não vamos nos lembrar deles. O seu temperamento somado aos hormônios fabricam praticamente uma terceira guerra mundial em um nível mais doméstico. Sabia que Tony pediu para ficar na casa dos meus pais?

— Ele ama ficar com seu pai na chácara. Sempre passa as férias lá.

— Meu amor, ele quer ficar lá até o bebê nascer.

— Ele quer ir morar com os seus pais? — *Oh droga! Eu realmente deveria ter saído para plantar o abacate* . — Será que estou tão insuportável assim? Tenho me dedicado a vocês, faço o que eu posso para me desdobrar e é isso que sou, uma pessoa intragável?

Safira não fala por si, os hormônios moldam seu emocional e brincam com seu psicológico. Temos vivido bem até aqui e passaremos por mais essa fase.

— Amor...

— Eu não estou sabendo lidar com essa gravidez! Tem alguma coisa muito errada comigo, só faço vomitar, chorar e esses malditos calores... Você simplesmente decidiu não me tocar mais... Tudo está diferente.

Safira fala e fala sem parar, parece exausta e desesperada sem saber como administrar seus sentimentos. No meio disso tudo percebo que ela está sobrecarregada e tensa. Ter experiência clínica com grávidas não me faz um pai experiente, então preciso de ajuda.

— Como não a toco mais, amor?

— Quando foi a última vez que transamos?

Ela tem razão.

Não trepamos há alguns dias, desde a festa do hospital, mas não por falta de vontade e sim por cautela. Quero esperar a ultra para ter certeza que a gestação corre em segurança. Qual o problema de ser protetor com a minha esposa e meu bebê?

— Só quero esperar a ultra, só isso. — Justifico — Vou conseguir o seu abacate e só voltarei para casa com ele. Não quero ter um filho verde.

Só consegui pensar em uma pessoa para me ajudar nesse momento atribulado: Leônidas “fábrica de crianças” Malamam.

— Caralho, você me tirou da cama no cu da manhã para comprar abacate? — Concordo. — Sua sorte é que Sarah estava dolorida demais para trepar agora cedo e as crianças já foram para Campos do Jordão ou eu não estaria aqui.

Leônidas reclama pela milionésima vez desde que o tirei de casa. Fizemos o caminho até a Ceasa conversando sobre as maluquices que Sarah fez em suas gestações e tudo que eu posso esperar daqui para frente. Como se eu não soubesse.

— Pelo menos ela não é irmã da Silvia.

— Cara, aí você teria sérios problemas. Safira é sistemática, mas não é louca como minha ex era.

— Vou levar uma caixa dessa. — Digo ao vendedor. — Vou querer goiaba, figo, pêssego e maçãs também.

— Por que não estão trepando, moleque?

— Não é que não estamos, só dei uma pausa para terminar os exames de rotina. É uma precaução.

— Você sabe muito da teoria, mas da prática...

— O que eu não sei, Léo? Sou obstetra, respiro gravidez todos os dias. Safira não trabalhava tantas horas em Londres, não tinha uma família para administrar, filho, cachorro. Aqui ela tem e se

recusa a tirar uma licença estendida do hospital para se dedicar apenas ao bebê... Isso está me matando. Só quero garantir que meu filho nasça.

Leônidas me olha sério por um tempo e diz: — Você tem medo que ela perca o bebê? — É como se ele lê-se meus pensamentos. — O que está acontecendo, Bento?

Coisas demais acontecendo, isso sim.

— Perdi uma paciente há alguns dias e isso mexeu tanto comigo. Já estávamos na reta final, tudo parecia se encaixar bem, mas ela se recusava a deixar o trabalho, assim como Safira. Há duas semanas, perto do final do meu expediente, ela deu entrada no hospital com uma hemorragia muito forte depois de uma queda no trabalho. O útero se rompeu, ela entrou em choque e... Nenhum dos dois resistiu.

— Be, é claro que a gente fica mexido. Eu perco pacientes com alguma frequência, mas não pode se deixar abalar.

— É diferente. Seus pacientes estão doentes, muitos são acidentados. Claudia fazia pré-natal comigo há sete meses, era saudável, mas trabalhava demais na empresa da família. Ela estava sozinha na sala e demorou a receber socorro. — Pegamos as caixas e caminhamos para o carro. — Isso realmente mexeu comigo de uma forma que quero trancar Safira em casa.

— Ela vai enlouquecer.

— Eu sei.

— Já pensou que é apenas o começo? Ainda falta muito chão até o guri nascer.

— Acredite, eu penso nisso dia e noite.

Cheguei em casa e fui recebido pelo total silêncio, nem mesmo Fusca veio me receber. Liguei inúmeras vezes para o celular de Safira sem sucesso. Suas irmãs e meus pais não tinham notícias, o porteiro disse que ela saiu com roupa de caminhada.

Próximo à hora do almoço vejo-a passar pela porta com Fusca e duas sacolas nas mãos. Perece mais animada, tem um belo sorriso no rosto e os cabelos estão presos em um rabo de cavalo alto.

— Trouxe comida. — Diz ela sorrindo.

— Onde esteve, Safira? Cheguei há mais de uma hora, liguei para Deus e o mundo tentando te localizar.

— Meu celular descarregou. Aconteceu alguma catástrofe. Saí para caminhar com o Fusca.

— Não dava para esperar eu chegar.

— Não. — Desafia.

— Ok. Trouxe muitos abacates para você, comprei uma caixa fechada, devem ter uns trinta. Tem outras frutas também.

Testando todos os meus limites ela diz que perdeu a vontade de comer abacates e precisava de uma boa massa, por isso saiu para comprar. Isso só pode ser castigo divino pelas minhas estripulias de solteiro, só pode. Rodei São Paulo atrás desse troço, aturei Leônidas azucrinando a minha cabeça, enchi o carro de frutas para nada?

∞

Finalmente o dia da ultrassonografia chegou, o único exame que estava faltando para este primeiro trimestre. Estamos há dois dias do natal, e como combinado, passaremos as festas na chácara onde meus pais estão vivendo em Campos do Jordão desde que decidiram se aposentar. Lorenzo já está lá com a família e nossos sogros também já foram. Teremos duas semanas para curtir o clima tranquilo e a família.

Estamos na unidade de diagnósticos do complexo, Dora trabalhou aqui por um período enquanto estava grávida. Vários funcionários vêm nos cumprimentar e dar as felicitações pelo novo

membro que está por vir. É extremamente prazeroso. Conversamos com o ultrassonografista, que já conheço há muito tempo, as brincadeiras são inevitáveis.

Tudo corre na mais perfeita ordem, nada de inesperado para seis semanas de gestação. Esperamos a chegada do bebê para agosto.

— Será um presente de dia dos pais. — Diz Safira quando deixamos a unidade.

— Será um presente de vida. Acho que você não tem ideia do tamanho da minha felicidade.

— Eu amo você!

— Também te amo, gêmea do mal.

Quatro

Semana a semana assisti o desenvolvimento do meu filho, minha prole enraizada ao útero da mulher que escolhi para a vida. Escolha. Talvez não tenhamos escolhas quando o assunto é o amor, não sei se ainda acredito nesta escolha considerando que, se pudesse, escolheria uma mulher mais fácil de lidar. Seria um grande erro... Agradeço por meu coração ter escolhido e não a minha cabeça.

Os enjoos se foram e com eles a insônia e a azia, mas o mal humor permaneceu firme. Mesmo feliz e com um belo sorriso no rosto o azedume ainda está lá, mas eu gosto dele como um tempero, uma pimenta malagueta que queima e dá prazer. Prazer! Essa palavra deveria ser o nome do meio de Safira para deixar claro o quão deliciosa ela pode ser se você souber que botões apertar. As noites têm sido movimentadas, os hormônios fazem o seu papel e eu... Bem... Eu cumpro o meu satisfazendo a fome lasciva de uma esposa grávida e gozando dessa dádiva.

— Onde está a minha mulher, Soraia?

Cheguei ao andar da administração e não encontrei Safira em sua sala, como esperava encontrar. Hoje faremos a morfológica e espero conseguir descobrir o sexo do nosso bebê e confirma que tudo está como deveria. Estamos ansiosos para montar o quarto, escolher o nome e os últimos detalhes.

— Ela foi receber um fornecedor, parece que há algo errado com a empresa ou com o cumprimento do contrato. Como não teve a resposta esperada, ela foi pessoalmente supervisionar a entrega.

Maldita mulher teimosa! Será que ela pensa que pode simplesmente sair pelo hospital se indispondo com os fornecedores

e colocar sua saúde em risco?

Pego as escadas em direção ao térreo, acreditando que Safira esteja nas docas do hospital, onde os caminhões deixam materiais e insumos. Como imaginei, minha gêmea do mal discute com o responsável de uma das terceirizadoras, parece um pinscher raivoso, visivelmente está exaltada. Escuto suas palavras ao me aproximar sem ser notado.

— Exijo que me respeite, senhor. Sou uma mulher, mas lhe garanto que estou devidamente preparada para o meu cargo. E caso não saiba, sou diretora de compras deste hospital e estou reincidindo nossos contratos.

— Você não tem autoridade para isso. — Diz o sujeito truculento. — Forneço para o MAH há mais de oito anos, trato diretamente com o Dr. Benício, mocinha. Você não é ninguém.

Lembro-me bem do sujeito. Ele é o tipo de pessoa para quem você diz “oi” e ela já assume que vocês são amigos íntimos, que têm uma relação cotidiana e ainda usa o seu nome como escudo ou trampolim.

É hora de aparecer.

— Ela é funcionária do hospital, tem um cargo de confiança. Além, é claro, de ser minha esposa. Como vai, Alfredo?

— É... Dr. Bento, já faz um tempo que não nos vemos. Mande um abraço para o seu pai. — Visivelmente sem graça ele olha de mim para Safira e torna a olhar para mim. — Desculpe, eu não sabia que está moça era sua esposa. Tivemos um pequeno desentendimento, mas superamos. Vim pessoalmente fazer a entrega.

— Para me desafiar. — Diz Safira com o queixo erguido.

A forma como ela esfrega uma das mãos sobre a testa não passou desapercebida por mim. O vestido justo azul marinho evidencia seu ventre avantajado, os seios começam a ser

esmagados dentro do sutiã que já não comporta o volume crescente. Seus seios estão cada dia maiores.

— Senhora, não posso permitir que interfira nos meus negócios com o hospital. Trabalhamos em parceria há anos e tem sido bom para ambos os lados. — O homem corpulento parece acreditar que tempos uma relação de intimidade. Detesto pessoas espaçosas. — Bentinho, você não deveria deixar sua mulher cuidar dos assuntos de homem. Vejo que está buchuda, deveria estar em casa.

— Buchuda? Que estúpido! — Safira brada.

Chega. Já dei corda demais. Nem minha mão me chama de Bentinho.

— Bento para você, Alfredo. Acho que você está desatualizado. Há um tempo meu pai se aposentou, deixando Safira responsável pelo setor de compras do hospital, entre outras coisas. — A expressão dele logo mudou, estava visivelmente surpreso. — O que ela decidir não será alterado por ninguém além dela mesma. E mais uma coisa: buchudas são as suas quengas, minha mulher está grávida.

Por um tempo ele tentou se desculpar e reverter a situação sem sucesso. Coitado. O pobre homem acreditava que conseguiria mudar a posição de Safira. Mal sabia ele que a missão era árdua e praticamente impossível quando se tratava dela. Alguns minutos se passaram e voltamos caminhando pelos corredores internos do hospital e percebi que ela ainda afagava a testa.

— Está sentindo alguma coisa, amor?

— Só uma dorzinha de cabeça, logo passa. Esse idiota me tirou do sério. Acredita que ele estava alterando o valor acordado para as compras deste ano? Algumas notas tinham uma diferença exorbitante, sem contar que a quantidade de fronhas foi entregue com uma defasagem gritante.

— Você precisa pensar sobre o que conversamos, Safira. Não pode continuar assim.

— Não vou tirar minha licença agora, Bento, pelo amor de Deus dê um tempo! Tenho mil coisas para fazer, estou reavaliando alguns fornecedores, fazendo um balanço de gastos e pretendo passar uma semana no Rio para analisar as comprar de lá também. Falei com Lorenzo hoje cedo e...

— Você está maluca, Safira? — Perco minha santa paciência.

— São apenas alguns dias, amor.

— Você não vai viajar agora. Já está quase com seis meses, isso seria muito arriscado. Onde está todo aquele juízo?

— Não estou doente. É o meu trabalho, que mal fará ao bebê?

Esfrego meu rosto tentando recuperar a sanidade que só ela consegue me tirar. É quase impossível segurar as peripécias dessa mulher, colocar um freio e deixar claro os limites, mas ela vai ter que me ouvir.

— Estamos atrasados. Tenho pacientes agendadas para depois de você. Vamos?

— Vou passar na minha sala para pegar os exames anteriores. Te encontro na sua sala.

Enquanto caminho para o andar da maternidade ligo para Leônidas, afinal ele é o mais velho, já está em seu quarto filho e vive com uma Barcellos há mais tempo que eu. Explico tudo e deixo claro a minha total impotência com o desejo de Safira de se manter no trabalho até o final da gravidez. Obvio que não quero trancá-la em casa... Mentira, eu quero... Tenho esse direito, sou marido e médico dela. Estou realmente preocupado com o seu nível de estresse.

— O que vai fazer? — Leônidas pergunta depois de zombar dos meus problemas. Nem depois de velho o infeliz deixa de me perturbar.

— Esperava que você me dissesse. O mestre das armações.

— Vou dizer o que eu faria, mas este sou eu e não você. Quando o assunto é minha ninfa não há ética, lei, regra ou pudor. Não espero que você seja como eu, mas no seu lugar arranjaria um motivo para afastá-la do trabalho se é isso que o preocupa.

Penso por alguns segundos em sua sugestão.

— Quer que eu invente uma doença?

— Eu? Quem disse isso foi você. — Debocha.

— Essa ligação nunca existiu, irmão. — Desligamos.

Faço pessoalmente o exame em Safira. Sinto um alívio e uma grande felicidade ao constatar que estamos muito próximos de aumentar a nossa família e nosso filho está saudável, o pequeno Malamam cresce rapidamente como se soubesse que tem um pai ansioso esperando aqui fora.

Movido pela possessividade e zelo digo a Safira que há um probleminha com a placenta e ela precisará ficar de repouso, evitar esforços e estresse. Faço o possível para não alarma-la ou exagerar, mas deixo claro que deve repousar.

Saímos do hospital no final da tarde, depois que ela organizou o máximo de assuntos profissionais possíveis e deixou sua secretária inteirada de sua situação. O setor tem mais oito funcionários e tudo irá se adaptar.

Infelizmente minha pequena mentira afetou mais pessoas do que deveria, mas já era tarde para desfaze-la. Mamãe, papai e meus sogros estão apreensivos com a notícia e as irmãs de Safira mantém contato constante com ela, monitorando e tranquilizando minha malvadinha. Leônidas foi um dos primeiros a me ligar, mas não com votos de melhoras, o infeliz fez o seu melhor em me desmoralizar e gargalhar da mentira contada.

O tenho a dizer em minha defesa: Os fins justificam os meios... Não deveriam, mas no momento justificam.

Cinco

O suor escorre em meu peito, a respiração exaltada de Safira atiça meu lado mais lascivo despertando em mim todos os instintos carnais e primitivos de um homem dominado pelo tesão. Estou ajoelhado junto ao seu quadril, suas pernas apoiadas em meu ombro enquanto permanece deitada sobre o lençol revirado por uma noite de amor. Tento ser delicado, lembro-me o tempo inteiro do seu estado, seria impossível esquecer com essa barriga linda brilhando à minha frente, mas nada me torna mais selvagem do que tê-la gemendo e pedindo por mais.

— Bento... Isso é tão bom! Não para!

— Não vou... Ah! Está cada dia mais apertado, isso é foda!

Arremeto mais algumas vezes, gememos profundamente entregues ao prazer de satisfazer nossos corpos. Atingimos o ápice quase ao mesmo tempo e preciso me segurar para não tombar com todo o meu peso sobre ela e machuca-la. Lanço-me em uma pilha de travesseiros e puxo o corpo nu de Safira para os meus braços. Ela está redonda, seus seios nunca estiveram tão grandes e pesados, a sensualidade é explicita, provoca todos os meus sentidos.

— Vai aguentar até o parto para saber se teremos um piruzão ou uma princesa? — Pergunto enquanto aliso seus cabelos.

— Estou tranquila quanto a isso. Você que parece desesperado para saber se terá que vigiar uma periquita. — Responde sorrindo.

Realmente, não sei como alguém pode suportar tanto tempo para uma informação tão importante. Todas as vezes que tentamos descobrir o sexo do bebê ele não colabora. Se um dia julguei que

teria um mini Malamam, estava errado: Sinto que os genes teimosos de Safira estão totalmente acesos em nosso caçula. *Oh sangue!*

— Às vezes eu sonho com ele. Nunca desejei tanto um parto, é como se fosse um presente precioso demais para merecer. Está tão perto, mas ainda não consigo acreditar que depois de tanto tempo acontecerá.

— Falta tão pouco, em três semanas estaremos com ele ou ela nos braços. — Acaricio sua barriga enquanto fala. — Tony já está tão grande e independente que mal me lembro de quando foi a última vez que realmente precisou de mim.

— Ele já é um mini homem, Safira. Não duvido que já esteja batendo punheta com o chuveiro ligado.

— Credo! Ele é uma criança. — Ralha.

— Não, Safira. Tony já está bem grandinho. Logo começará a se interessar por meninas e seu corpo irá despertar para a puberdade. — Sorrio com a ideia. — Não demora seu celular estará recheado de bocetas e pornôs.

— Céus, amanhã mesmo vou revistar aquele telefone dele, o computador e também o vídeo game. Você deveria conversar com ele. Talvez alertá-lo contra os perigos da internet. Já tivemos o bastante disso para uma vida.

Safira nunca será uma pessoa tranquila e despreocupada. Seu maior medo é que algum dia Tony encontre o material que Joshua distribuiu na internet e a coloque em uma situação complicada. Não acreditamos que isso aconteça, mas sempre há uma chance.

— Ei, calma com essa cabecinha maluca. Não tem para onde fugir, quando for a hora ele vai me procurar, tenho certeza. É muito bom tê-lo como amigo, sei que confia em mim.

Realmente, somos grandes amigos. Com o passar dos anos e a mudança em nossas vidas construímos laços eternos e indestrutíveis. Eu e Tony somos amigos, parceiros e tenho certeza

de que serei o seu confidente. Construí com meu filho o mesmo relacionamento que tive com meu pai e ainda mais forte e aberto.

Por longas horas acaricio os cabelos de Safira e converso com sua barriga sabendo que minhas palavras chegarão aos ouvidos de meu filho em seu ventre. Ela dorme segura e confortável em meus braços com a certeza que nada de mau pode a atingir. Debaixo deste teto está tudo que tenho de mais precioso, minha família, minha conquista mais importante. Se alguma dia desejei estar só, fui tolo.

Às vezes me pego refletindo sobre a nossa história, encontros e desencontros. Perda de tempo, momentos que não voltam e cortes profundos que hoje são cicatrizes escondidas pela felicidade latente. Felicidade. Uma palavra de cinco sílabas e muitos significados. Para uns é sorrir, para outros viver cercado de amigos, para mim... Safira. Tudo que sou, tudo que me tornei e tudo que tenho vem daqui; o corpo nu e exausto em meus braços.

Seis

O cheiro de lar invadiu minhas narinas enquanto estava na cama. Café despertando meu corpo para uma manhã chuvosa de domingo. É dia dos pais. Levanto animado, faço minha rotina matinal e sigo o aroma.

A mesa recheada de opções e cores foi o primeiro sinal de comemoração. Antes que eu pudesse me sentar, Tony surgiu correndo em minha direção para um abraço sincero e desengonçado de um pré-adolescente. Logo em seguida Fusca aparece babando minhas pernas na vontade de participar da farra. Não demora para estarmos lutando no tapete e me surpreendo ao ser pego em um golpe que havia ensinado a Tony recentemente. Por sorte seus braços não são forte o suficiente para machucar ou eu estaria em maus lençóis.

Acho que estou ficando velho mesmo.

— Feliz dia dos pais, velhote! — *Velhote?*

— Cuidado em, garoto, ainda estou em plena forma. — Dou um cascudo bagunçando seu cabelo. — Onde está sua mãe?

— Estou aqui. — Safira aparece arrancando o ar dos meus pulmões.

Sua barriga de nove meses destaca-se sob uma camisola de cetim negro, os seios fartos parecem maiores todas as manhãs. Pergunto-me quanto tempo ainda tenho para desfrutar deles. Ela segura uma jarra de suco, que acredito ser de laranja, caminha com certa dificuldade devido ao adiantado estado de gravidez. Uma patinha roliça.

— Está linda!

Seu cabelo cobre parte do pescoço, percebo que esconde algo. Na noite passada liberei meus instintos mais intensos e acredito que tenha deixado algumas marcas enquanto metia em sua boceta deliciosa. Em uma tentativa de poupa-la, segurei seu corpo de lado enquanto massageava seus seios e investia ferozmente no canal molhado e apertado que tem drenado minhas forças.

— Feliz dia dos pais! Preparamos o seu café da manhã.

— Eu vejo.

Observo seu caminhar até a mesa registrando a imagem magnifica, sabendo que logo tudo será diferente. Sem que eu tenha tempo de acudi-la, Safira para bruscamente e a jarra despenca de seus dedos, partindo-se ao chegar ao chão. Corro ao seu encontro, e vejo-a abraçar a barriga com uma expressão dolorida. Imediatamente a tomo em meus braços, grito para Tony se afastar dos estilhaços e carrego Safira até a nossa cama fazendo o possível para que ela permaneça calma e consciente. A dor está desenhada em sua face contraída, seus dedos puxam minha blusa como se eu fosse a tábua de salvação que ela precisa.

— Calma, vai ficar tudo bem. Olha para mim, amor. — As lágrimas estão acumuladas, pupilas dilatadas e medo, muito medo. — Não vai acontecer nada de errado, entendeu? Eu estou aqui com você, então diga-me o que está sentindo e vou examiná-la.

— Era apenas um incomodo nas costas, pontadas leves e sem importância. Acreditei que eram. De repente uma dor aguda veio e mal pude ficar de pé. — Enquanto ela fala e se distrai com a conversa, posiciono suas pernas abertas e subo a camisola. Tony parece assustado, mas tenta disfarçar, senta ao lado da mãe e beija seu rosto como um perfeito cavalheiro.

— Consegue levantar um pouco o quadril? — Retiro sua calcinha para fazer o toque do colo que, como eu imaginava, está dilatado. Sou tomado pela euforia ao notar que é chegada a hora. Meu filho vai nascer! — Acho que alguém resolveu me dar “feliz dia dos pais” pessoalmente.

— Precisamos ir. — Afirma nervosa.

— Não temos tempo de sair, amor. Sua dilatação já está muito adiantada, Está chovendo muito lá fora. É mais seguro ficarmos aqui. Acho que alguém quer nascer em casa.

Antes que eu termine da falar outra contração começa e Safira geme de dor, sua barriga se deforma e Tony a olha ainda mais assustado.

— Pai...

— Está tudo bem. — Tranquilizo-o —Ligue para o seu tio Léo e peça que ele venha rápido, preciso de ajuda aqui. E pegue minha maleta na sala correndo.

Antony sai em dispara para fazer tudo que pedi.

— Estou com medo. — Diz Safira com os olhos marejados, mas felizes.

— Ei! Não precisa ficar assim. Esqueceu com quem é casada? Esqueceu que sou o super Bento Malamam? Vamos fazer isso juntos. — Mesmo amedrontada ela sorri para mim, um sorriso confiante. — Não está feliz?

— Estou. Estou e sou muito feliz, mas estou com medo. — Mais uma contração. — Ah Deus!!! Dói demais! Quero ir pro hospital, Bento. Me leva para o hospital, pelo amor de Deus.

— Xiii, respira, eu estou aqui. Confia em mim, malvadinha. Eu jamais colocaria nenhum de vocês em risco.

Desde o início conversamos muito e decidimos que, correndo tudo bem, ela faria um parto natural e sem intervenções que não fossem extremamente necessárias, porém, isso deveria ser realizado no hospital em uma sala especialmente projetada para tal. Safira vinha fazendo exercício preparatórios e lendo inúmeros livros sobre o assunto, tudo correu como esperávamos, fora a dilatação relâmpago. Não quero arriscar coloca-la em um carro e dirigir até o

hospital contando com a sorte no trânsito e na chuva. Em minha analise prefiro que tudo seja feito aqui.

Leônidas chega trazendo a esposa com ele, seus filhos ficaram em casa com a babá. Sarah conversa com a irmã enquanto eu e Léo preparamos tudo que precisaremos para o parto que está cada vez mais próximo. Oito centímetros de dilatação e as dores só aumentam. Safira geme e murmura com as contrações intensas.

— Como se sente? — Leônidas pergunta.

— Ansioso. Chamei o irmão errado. Preciso de um cardiologista, estou a ponto de ter um infarto.

— Contente-se com um AVC, pois o cardiologista está há centenas de quilômetros de distância.

— Estou muito feliz, cara. Vamos lá!

Sarah permanece sentada atrás de Safira ajudando-a com palavras de força e carinho. Tony segura sua mão e tenta parecer seguro, meu primogênito não corre dos problemas. Partilho do mesmo medo, da mesma ansiedade e alegria que todos neste quarto, mas estou concentrado. O clima é de tensão e expectativa.

Meu coração está aos pulos dentro do peito, consigo sentir o sangue correr veloz em minhas veias e artérias, meus sentidos não poderiam estar mais aflorados. O sons lamuriosos dos sussurros a cada contração, as expressões faciais dela, o cheiro de parto e o sabor do suor minando da pele de Safira, que beijo a todo instante. Sentado entre suas pernas beijo seus joelhos, pés, coxa e barriga. Trocamos olhares cumplices e sei que ela confia em mim. Confiamos um no outro.

— Preciso levantar, quero ficar de pé. — Pede ela com as mãos estendidas para mim.

— Claro.

Por breves minutos ela caminha lentamente pelo quarto, vai até a janela e tenta controlar a respiração. Outra contração, ainda

mais forte. A dilatação está completa. De pé e com as mãos apoiadas na cama ela chia, choraminga. Ajoelho-me acariciando a parte de trás de suas coxas para que saiba que estou ali, estamos juntos e muito próximos do fim.

— Quando a próxima contração vier, quero que faça força. Estou aqui com você, meu amor.

— Ah, céus! — Grita.

Uma, duas, Três vezes... Sou incapaz de piscar. Não quero perder um segundo que seja desse momento. A satisfação de estar presente, o deleite em trazer meu filho ao mundo são sentimentos que jamais conseguirei descrever ou transmitir. Quando os primeiros fios de cabelo aparecem meu coração trepida, as lágrimas inundam meu rosto.

Está chegando. É real.

— Vejo os cabelos, amor. Uma mata de cabelos, assim como os seus. Vamos lá.

A última contração faz as pernas de Safira tremerem como varas de bambu. Sarah segura seus braços e Leônidas já está apostos para ajudar.

— Está coroando. Força, força, força!!! Só mais um pouco, amor.

— Arg! — Com uma força colossal dada apenas às mulheres, minha esposa busca seu último fio de resistência e dá o melhor que pode expulsando nosso bebê direto para as minhas mãos.

Dedico alguns segundo contemplando seu rosto, mãos e cabelos. Sorrio e choro. Uma menina! Uma princesa! Não poderia estar mais feliz que estou agora, sinto-me pleno, arrebatado de amor. É como se em apenas um olhar eu pudesse transmitir para ela todos os sentimentos guardados e acumulados dentro do meu peito. Minha princesinha está aqui.

— Graças a Deus! Quero vê-la, Bento.

∞

Eu estava aqui, estou presente desde o primeiro momento. Fiz o pré-natal, senti mexer, participei dos desejos, fiz o parto, retirei a placenta e cortei o cordão. Sou o homem mais feliz e realizado que já existiu. Estamos apenas eu e Tony observando Safira amamentar nossa princesa. Ela suga forte, parece uma bezerrinha faminta com os olhos claros observando a mãe. Olhos nos olhos as duas parecem trocar mais que amor. Se um dia desejei algo diferente disso, fui cego.

— Qual é o nome dela, mãe? — Sem dizer nada, Safira olha para mim sorrindo e espera que eu responda. Ela está me dando a escolha.

Deslizo os dedos nos fios lisos da pequenina cabeça e lembro-me que quando criança, por um curto período, tive uma bisavó e ela sempre fazia o mesmo em meus cabelos. As lembranças são poucas, mas deliciosas e marcantes.

— Ela vai se chamar Belinda. Belinda como minha bisavó.

Vejo nos olhos dela que gostou. De repente parece que o nome sempre foi este, que Belinda sempre existiu e não nos vemos mais sem ela.

— Oi, Belinda. Eu sou seu irmão mais velho e você tem que me obedecer.

Rimos os dois com a postura autoritária de Tony. Mesmo jovem age como um Malamam, protegendo e cercando quem ama.

— Te amo, minha malvadinha!

— Te amo, doutor sorriso!

Uma carta para você

Um dia conheci uma jovem tímida, contida e linda. Acima de tudo pura. Me envolvi, a conquiste, me apaixonei e cometi graves erros. Perdi seu amor e sua presença, sendo punido com o pior dos castigos: a distância.

Fui tolo.

Como eu pude acreditar que o amor havia acabado ou que a sentença pelos meus crimes seria apenas a distância. Mulheres não esquecem suas dores, elas se vingam e sabem exatamente como machucar o coração de um homem. Pobres homens que não são preparados para o amor. Foi tirado de mim tudo aquilo que mais desejei, perdi momentos irrecuperáveis.

Ela também sofreu e chorou lágrimas suficientes para afogar as mágoas do passado e construir um novo futuro.

Lutamos, persistimos e ganhamos. Vencemos. Ultrapassamos as dores e os limites do perdão. Aprendemos a aceitar o diferente, o oposto e o outro. Aprendemos que quem ama não altera, se aperfeiçoa. E hoje? Hoje somos um.

Sem o perdão ainda sofreríamos separados e amargurados. Juntos somos felizes, completos e apaixonado. Desejamos que um dia você encontre o amor e seja sábio para lutar e perdoar quando for necessário.

O amor as vezes dói, mas sem ele não há nada. Prefira sentir à ser inerte. Qualquer sentimento é melhor do que a inércia.

Ame, sinta e viva sempre. Você só tem uma chance.

Bento Malamam.

Sobre a Autora

Joice Bittencourt é brasileira de 27 anos, nascida no Rio de Janeiro e radicada no Espirito Santo com o marido e dois filhos. Movida pela curiosidade, iniciou na literatura erótica através de um best-seller americano, e a partir de então a lista de romances do mesmo gênero só vem crescendo.

Com cinco obras publicadas na Amazon e versão impressa independente, ela decide alçar voos maiores, lançando suas histórias para todos os leitores do mundo.

Conheça mais:

http://joicerbittencourt.blogspot.com.br/

http://www.wattpad.com/user/joicecbittencourt

https://www.facebook.com/joice.bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Série Malamam

Leônidas, Lorenzo e Bento são três irmãos com personalidades extremamente diferentes, igualando-se em três pontos... A possessividade, a beleza e a paixão.



Foi um prazer escrever este conto para você. Espero que a sua leitura tenha sido prazerosa e fluida. Se desejar, deixe a sua avaliação, ficarei feliz.

Até breve!

Conheça outras obras da autora:

O Herdeiro

http://www.amazon.com.br/dp/B00P4CBS78

No Limite do Prazer: Na vida nem tudo são flores.

http://www.amazon.com.br/dp/B00OB3RWQ2

Alívio – Série Malamam Livro I

http://www.amazon.com.br/dp/B00U3Z55XO

Declínio – Série Malamam Livro II

http://www.amazon.com.br/dp/B0149DOQBM

Lascivo – Série Malamam Livro III

http://www.amazon.com.br/dp/B01CILXYOW

Coleção Malamam – Box da série

http://www.amazon.com.br/dp/B01DKQHWQU